

Desoneração da folha de salários

Política não sobrevive a uma análise de custo-benefício

Samuel Pessoa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE) da FGV e do IUPERJ. É doutor em economia pela USP

A novela da desoneração da folha continua. No fim do ano passado, o governo enviou uma medida provisória que cria um cronograma de desoneração da desoneração. AMP é explícita em estabelecer seus efeitos somente a partir de 1º de abril, há tempo de o Congresso se pronunciar. Não houve por parte do Executivo a intenção de puxar um tratado sobre o Legislativo. Quanto ao mérito, trabalho recente e ainda não publicado de Erick Baumgartner, Raphael Corbi e Renata Nartez — "Payroll tax, employment and labor market concentration" — documenta os seguintes fatos e res-

peito da desoneração da folha de salários: 1) ela cria empregos; 2) não há elevação dos salários; 3) aumenta o lucro das empresas; 4) é uma forma muito ineficiente de criar empregos, dado que cada emprego criado custa R\$ 85 mil de remuneração fiscal e é evidentemente, piora as contas públicas. Inquestionavelmente, a política não funciona. Ela não sobrevive a uma análise de custo-benefício. Um dos maiores problemas da formulação de políticas públicas no Brasil é que, simultaneamente à implementação da medida, cria-se um grupo de pressão no Congresso Nacio-

nal que irá defender a política, independentemente do mérito. Há uma característica na democracia brasileira — nenhum cientista político conseguiu até hoje me explicar os motivos de sermos assim — que nos torna muito mais vulneráveis à ação dos grupos de pressão do que outras democracias. Pequenos grupos organizados conseguem criar ou manter políticas que atentam contra o interesse coletivo em razão de seu interesse menor. Assim, o esforço e a insistência do ministro Haddad estão corretos: o MP defende o interesse difuso. Há uma alegação de que as

empresas não tiveram tempo para se ajustar. Que é fim da desoneração da folha é muito abrupto. A alegação não procede, no meu entender: as empresas sempre souberam que no dia 31 de dezembro de 2023 a desoneração da folha iria terminar. Elas não se prepararam. Acharam melhor fazer lobby no Congresso Nacional pela renovação da desoneração. Essa prática será eterna. A desoneração sempre terá uma data para terminar, as empresas nunca se prepararam para o fim da política. Quando a data de término da política se avizinha, elas chan-

tageiam o Congresso com a alegação de que não conseguem sobreviver no regime que vale para todos os demais setores. O ideal é que o Congresso reabra o tema, faça algumas audiências públicas para avaliar o mérito da questão e negocie com o setor privado um cronograma de saída dessa política pública. Isso é, em vez de haver uma data para acabar, haver um cronograma de redução em alguns anos de subsídio aos 17 setores hoje beneficiados. Assim haverá uma transição suave, sem choques maiores na rentabilidade dos setores.

O leitor João Vergílio Galliani Cutter fez o seguinte comentário à coluna da semana passada, sobre o México: Seria interessante estudar casos de países que conseguiram romper a barreira da renda média nos últimos 50 anos em ambiente democrático. Dis-

seminou-se a impressão de que a democracia impede a ultrapassagem dessa barreira. Países de renda média e grande desigualdade convivem com uma tensão social que condiz com a obtenção de votos a concessões que nos fazem marcar pontos. De tempos em tempos vem a crise, ajeitam-se as coisas, mas logo em seguida as concessões se impõem. Como sair disso? Ocorrem me Chile, Bolívia, Paraguai, Espanha e Indonésia. Os três primeiros são muito pequenos. Os dois ibéricos se beneficiaram muito da Comunidade Econômica Europeia. A Indonésia ainda tem uma renda per capita 32% menor do que a nossa, apesar de estar nos alcançando em 2025, era 50% menor. Na macroeconomia, a grande diferença em relação a nós é ter menor carga tributária, gasto público e dívida pública e maior poupança doméstica: 35% do PIB antes nossos 18%. Vale aprofundar.

Fonte: Samuel Pessoa | Jsc. Marcos Vasconcelos, Ronaldo Lemos | Tm. Michael França, Cecília Machado | Jcu. Cida Benta, Selange Snaur | Sex. André Roncaglia | Sda. Marcos Mendes, Rodrigo Zeldin

WhatsApp é líder na disputa entre aplicativos de mensagens

Messenger, também da Meta, vem em segundo lugar; Telegram completa pódio, diz levantamento

TEC

Thiago Amâncio

SÃO PAULO É tiro e queda: basta o WhatsApp sair do ar que começam a chegar notificações de contatos se inscrevendo no Telegram. "Eu mesmo só lembro que existem outros aplicativos quando o WhatsApp cai", diz o publicitário Gustavo Garcia, 37. "Usava o Telegram só para ver grupos de política, mas nunca cheguei perto de substituir o WhatsApp. No fim, são todos meio parecidos, e você vai aonde seus amigos estão", afirma. A lista de apps é longa, vai de gigantes como o WhatsApp — que fazem até pagamentos — aos que correm por fora, como o Signal, vendendo segurança e privacidade. É impossível saber exatamente quantos usuários cada aplicativo tem porque as companhias não divulgam essas informações. Mas serviços de monitoramento e consultorias fazem estimativas, e uma das mais completas vem da empresa de análise de dados Similarweb.

O levantamento da companhia mostra que o líder do setor é, de longe, a Meta, com dois dos aplicativos mais populares: o WhatsApp globalmente, e o Messenger (chat do Facebook, que existe como aplicativo independente), forte nos Estados Unidos. O WhatsApp é o aplicativo número 1 de mensagens em ao menos 61 países analisados, incluindo, é claro, o Brasil, mas também quase toda a América Latina, a Índia e boa parte da Europa Ocidental. O Messenger, por sua vez, aparece em primeiro em pelo menos 15 países, com Canadá e Austrália, além dos EUA. Já o russo Telegram é o mais forte em outros dez países, como Ucrânia, Cazaquistão e Quirguistão. É o canal oficial utilizado pelo governo ucraniano, por exemplo, incluindo o presidente Volodymyr Zelenski para divulgar informações sobre a Guerra da Ucrânia.

O Viber aparece em países do Leste Europeu, e há opções regionalizadas, como o poderoso WeChat, na China, e o sul-coreano KakaoTalk, populares em seus países de origem. O Signal não chega a aparecer como predominante em nenhum país. Os dados da Similarweb, no entanto, consideram apenas usuários do sistema operacional Android, o que representa 75% do mercado de smartphones global. Os números são mais precisos onde os telefones Android são predominantes, como no Brasil, em que mais de 86% da população utiliza o sistema operacional.

Já em outros lugares podem ser menos representativos, como nos EUA, em que o sistema do Google é utilizado em apenas 4 em cada 10 aparelhos.

Ainda que o WhatsApp lidera globalmente, isso não significa que outros apps estejam acabados. Entre os usuários de Android, a Similarweb conta 1,2 bilhão de pessoas que acessam diariamente o WhatsApp, além de 424 milhões para o Facebook Messenger, 168 milhões para o Telegram e 188 milhões para o Snapchat. Heleisa Massaro, diretora do InternetLab, conduz pesquisas anuais sobre o uso de aplicativos de mensagens e afirma que as plataformas "ocupam lugares muito diferentes na vida das pessoas" e não são excludentes.

O WhatsApp é parte do cotidiano e é utilizado para conectar pessoas próximas, como amigos e famílias, além de empresas e serviços. Chats de redes sociais como o Instagram e o Facebook funcionam para conectar pessoas não tão próximas, como colegas ou pessoas de quem o usuário não tem o número de telefone.

Já o Telegram e outras plataformas como o Discord são usadas por pessoas para buscar conexões por interesses similares, algo próximo de uma rede social, mas que uma plataforma de mensagens, diz

Aplicativos de mensagens mais utilizados

Levantamento considera apenas usuários de Android

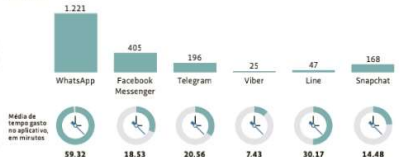
Por país

WhatsApp
Facebook Messenger
Telegram
Viber
Line
WeChat
KakaoTalk
Zalo



Usuários ativos diariamente

Em milhões



Média de tempo gasto no aplicativo, em minutos



Fonte: Similarweb

“

Usava o Telegram só para ver grupos de política, mas nunca cheguei perto de substituir o WhatsApp. No fim, são todos meio parecidos, e você vai aonde seus amigos estão

Gustavo Garcia publicitário, que diz só lembrar que outros aplicativos de mensagens existem quando o WhatsApp sai do ar

Massaro. “É onde as pessoas vão entrar em grupos de novas turmas para baixar episódios, procurar livros ou discutir política”.

Por terem usos diferentes, o crescimento de um aplicativo não significa necessariamente recrudescimento do outro.

No total, o WhatsApp afirma ter mais de 1 bilhão de usuários ativos, ainda que não divulgue os números exatos. Pesquisas Datafolha de 2022 apontou que 92% dos entrevistados afirmaram usar o aplicativo da Meta. Na pesquisa do InternetLab, 99,5% dos entrevistados disseram usar o app.

O WhatsApp foi o primeiro aplicativo a se popularizar enviando mensagens com dados de internet para usuários identificados pelo número do celular. Quando surgiu, concorria apenas com o BBM, da BlackBerry, exclusivo para usuários do smartphone que nem existe mais.

Hoje, o WhatsApp caminha

para se tornar o primeiro “superapp” ocidental, tentando ocupar deste lado do globo o lugar que o WeChat tem no mercado chinês.

O aplicativo da Tencent, além de enviar mensagens, virou uma rede social e se tornou uma das principais formas de pagamento na China hoje.

O WhatsApp lançou em 2022 uma ferramenta para enviar dinheiro a outros usuários dentro do aplicativo, e em 2023 permitiu o pagamento direto para empresas.

Atividade, no entanto, ainda não pegou, em meio ao sucesso do Pix no Brasil. Em 2022, segundo a Federação Brasileira de Bancos (Febrabanco), foram 56,2 milhões de transações via WhatsApp — sendo 1,7% delas de movimentações financeiras e o restante de consultas de saldo, extrato, cartão de crédito e dívidas.

O número parece alto, mas é inferior perto dos 49,3 bilhões de transações feitas no país no mesmo ano.

O movimento mais incisivo da Meta para posicionar o WhatsApp como um superapp foi a criação, em setembro de 2023, do “Flow”, ferramenta que disponibiliza um menu avançado para contas comerciais, que poderiam até substituir sites de empresas.

Dentro da conversa com uma empresa de ônibus, por exemplo, é possível reservar uma passagem e selecionar um assento sem sair do chat.

Desde o fim de novembro, usuários de São Luís, Teresina, Jazeiro do Norte (CE) e Sobral (CE) podem pedir corridas de Uber dentro do WhatsApp.

No mundo, apenas o chinês WeChat se aproxima em número de usuários. Considerado um “superapp”, o aplicativo da Tencent já deixou de ser apenas uma plataforma de mensagens e hoje é quase intocável no dia a dia chinês, utilizado como plataforma de rede social, pagamentos e compras.

Balando o terceiro trimestre da empresa afirma que as versões combinadas do WeChat (nome ocidental) e Weixin (nome na China) somam 1,3 bilhão de usuários ativos mensalmente.

CAIXA

Leilão de Imóveis da Caixa

290 milhões de reais em imóveis para leilão. Até 30 dias para se inscrever.

30/JAN

www.caixa.com.br